
Entrevista com Luciana Martuchelli*

por Andrea Copeliovitch e Fernanda Hiraga

1. Descreva o que é a arte secreta do ator?

A ARTE SECRETA DO ATOR – ODIN TEATRET é uma Residência exclusiva de criação e montagem em níveis de excelência com o Odin Teatret, realizada com exclusividade em Brasília e destinada a atores, diretores e acadêmicos brasileiros e de todo o mundo, com experiência comprovada. Além da convivência de atuação e criação de dramaturgia sob a direção de Eugenio Barba e preparação da atriz Julia Varley, o projeto de intercâmbio oferece palestras, apresentações de espetáculos internacionais e demonstrações de trabalho, performances, debates, trocas, exibição de filmes, saraus e lançamento de livros. Desde a criação desta vivência em 2008, a proposta é oferecer um diferencial e tácito contato com o processo criativo do Odin Teatret, numa rara oportunidade de trabalho prático de elaboração cênica sob suas técnicas: a preparação da atriz do grupo, Julia Varley, seguido do trabalho diário de direção destes artistas pelo próprio Eugenio Barba em uma dramaturgia autoral. Experiência esta, até o momento, disponível apenas aos atores de seu grupo e na ARTE SECRETA DO ATOR, no Brasil.

* Luciana Martuchelli é atriz, diretora, professora e cineasta, graduou-se em interpretação e direção pelo Instituto Superior de Arte, em Havana (CUB), no *Fashion Institute of Design & Merchandising* (Califórnia, USA) e pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes – FBT, em Brasília, onde estudou diretamente com Dulcina. Desde 2010, faz a direção artística e curadoria do Festival Internacional de Mulheres no Teatro – *Solos Fértis*, conectado à rede The Magdalena Project. Há 20 anos, se concentra na formação técnica do ator pesquisando mitos, legados e heranças sob a voz da mulher e o feminino e o masculino em estados de representação nas poéticas contemporâneas. Há 10 anos criou a residência de excelência dramática A ARTE SECRETA DO ATOR com Eugenio Barba e Julia Varley (Odin Teatret), de quem tem sido discípula desde então. Traduziu o livro da atriz Julia Varley, “Pedras d’ água”, para o português, e ensaia, sob sua direção, seu solo: “Mare Serenitatis”

Arte Secreta Por Eugenio Barba:

“A ARTE SECRETA DO ATOR em Brasília se transformou num dos fronts da minha luta contra a natureza fugaz do teatro. Todo ano à mesma época acontece um prodígio: um parêntesis de poucos dias, em condições de vida e de trabalho únicos em uma chácara isolada, no panorama imenso fora de Brasília. Ali, como em uma hospedaria de caravanas, Julia Varley e eu nos encontramos com uns vinte colegas brasileiros e latino-americanos e partilhamos uma aventura rara: sair fora dos horários, hábitos e vínculos das nossas vidas cotidianas. É como se quiséssemos reencontrar as origens. Perguntamo-nos quais são, na prática, os caminhos interiores e técnicos para afinar e realizar a nossa necessidade de fazer teatro. Confrontamos as perguntas e as respostas individuais, orientando-nos sobre os princípios da antropologia teatral e sobre as nossas experiências profissionais.” (Eugenio Barba – Odin Teatret)

2. Como acontecem os encontros, como se dá a seleção dos participantes e como surgiu a ideia?

É um encontro anual de seis dias na capital do Brasil, onde dezesseis atores do mundo inteiro são selecionados para trabalhar diretamente com Eugenio e Julia, nos moldes do Odin Teatret e dez diretores observadores podem acompanhar seu processo de treinamento, criação e desenvolvimento de uma dramaturgia autoral.

Na seleção são levados em conta: vagas para países, vagas para grupo, *know how*, se o grupo já tem vínculos com o Odin ou desenvolve literatura a respeito das práticas do grupo. Busca-se uma pluralidade de cultura, etnia, sotaques, teatros, estilos em um time que possa crescer nesses dias em colaboração e levar consigo, o germe de uma busca por níveis de excelência e entusiasmo no ofício, para poderem inspirar e manterem-se motivados e renovados em seus teatros.

3. Como você conheceu Eugenio Barba e Julia Varley? Como isso influenciou seu trabalho como atriz, diretora e pedagoga?

Eu conheci Eugenio Barba inicialmente pelos livros como a grande maioria, e somente em 2007 tive o prazer de conhecê-lo pessoalmente, em um encontro para diretores organizado em Brasília pelo Udi Grudi. Nesse momento meu grupo estava se desfazendo e esse encontro surgiu como um pequeno oásis, uma luz que brilhava no alto de uma montanha mostrando

que todo fim é também um começo. Foi também quando vi pela primeira vez atriz Julia Varley, na performance “O Irmão Morto”, apresentação de tamanho vigor e beleza dramática, que criou um estrago, um impacto enorme no meu coração, que anos depois eu estaria traduzindo seu livro para português, junto com a atriz do meu grupo Juliana Zancanaro, e seguindo-a por onde fosse. Sobre meu encontro com Julia falo com detalhes na apresentação de seu livro, “Pedras D’água”.

Após esse encontro, eu decidi tomar algumas das informações que eu tinha recebido e ensinar para os meus atores, seis meses depois, quando Odin Teatret voltou ao Brasil, eu mostrei pra ele (Eugenio Barba) o que havia compreendido, e é claro que ele viu que “eu não havia compreendido” e ele me respondeu com uma pergunta: “você quer um curso?”

Diante dessa pergunta só havia uma resposta:

“SIM”

Mas voltando no tempo, seis meses depois nascia A ARTE SECRETA DO ATOR, e três meses depois eu viajaria para o Odin com o que havia sobrado do meu grupo. Passados alguns meses eu já estaria na Polônia como atriz numa performance dirigida por Eugenio, onde voltaria anos depois para filmar o processo de criação da mais nova obra do grupo, “A Árvore”, e outros acontecimentos de uma história, que faz dez anos nesse ano!

Meu encontro com as excelências desse mundo, junto com a oportunidade de trazer e fazer o treinamento no Brasil, diretamente com eles foi somado a toda a bagagem que eu já trazia dos meus outros mestres, pois quando o Odin chegou, a essa altura, já eram mais de dezessete anos de estrada percorrida.

Mas para colher todo néctar desse encontro, eu e meus atores mais antigos, tivemos que abrir mão de todo um mundo anterior, de todo um conhecimento *a priori*, pois “aprender a aprender” nos exige um desprendimento, uma mente de principiante, para que sejam nossos corpos a assimilar as tradições apresentadas em nós e não nossas mentes.

Meu interesse, não era reproduzir o trabalho do Odin Teatret, nem imitar sua estética mas beber da fonte de suas técnicas e nos inventar a partir desse ponto. Seu saber antes de ser uma estética, fala de inteligências. Eu queria e precisava saber como me tornar assim, como ensinar e trabalhar com atores de fato criadores, capazes não somente de construir uma

dramaturgia autoral, mas de sobreviver frente a frente a um público durante uma hora de forma realmente interessante, surpreendente, convincente e tocante.

Eu experimentava isso em cada espetáculo deles, a maioria feita em outras línguas. Eu não entendia grande parte, mas ainda sim, não conseguia sequer piscar um olho. Eu era lançada em dimensões míticas e pessoais, em um arsenal de associações e reconhecia tal proeza, como feito de uma arte extrema e singular.

Essa entropia iria nutrir muitos dos meus espetáculos, que surgiriam do embate do mundo que me trouxe até aquele momento e da minha paixão sem pudor pelo Odin Teatret. Eu os chamei de frutos da crise, crise técnica, estética e de valores mas não de princípios recorrentes!

Como diretora e pedagoga eu preciso me manter motivada para inspirar e me reinventar diante da minha plateia e dos meus atores, o que significava nesse momento a necessidade de ser novamente uma iniciante, pois nesse caso só interessavam os conhecimentos que tinham passado pelo corpo, que o corpo soubesse reproduzir, e aos poucos, à medida que compreendia, eu percebia as semelhanças e os mesmos princípios que haviam me ensinado meus mestres anteriores, como Dulcina, Peter Brook, Antunes Filho, Aderbal...

E havia mais um fator: Julia Varley, um nova mestre mulher, que me levaria para o seio do *The Magdalena Project*, uma rede de mulheres no teatro, presente em mais de cinquenta países. Nessa rede eu iria florescer ao lado de amigas e aliadas, mestras e jovens artistas do Brasil e do mundo, nela eu poderia compartilhar também a solidão, as dores, as delícias e conquistas de ser mulher, atriz e diretora no Brasil e por causa do *Magdalena* eu iria criar um festival, o *Solos Férteis*, mas isso é uma outra história...

4. Como Nasceu a Arte Secreta?

Da necessidade de dar o próximo passo! Quando esbarramos numa parede, quando os sonhos viram alguma realidade e nos perguntamos: “Então era só isso, não há mais?”

Então nos defrontamos com um mundo, uma dimensão inteira que vivia sob nossos narizes que desconhecíamos, e que nos assombra de medo e raiva, por não sabermos antes, ao mesmo tempo em que age como um propulsor de novos tempos, ares e vida!

Em junho de 2008, o diretor Eugenio Barba esteve em Brasília com seu grupo e assistiu a uma

apresentação dos atores da Cia. YinsPiração Poéticas Contemporâneas dirigida por mim que chamei de “*Physis – Dramatic Bodystorm Training*” e inspirada nas técnicas de dramaturgia do diretor e nas performances que eu havia visto dos atores do Odin Teatret, em particular, de Julia Varley.

Neste momento da história do Odin Teatret e da sua carreira, Barba já não ministrava mais atividades nas quais atores do Brasil, ou mesmo da Europa, pudessem obter informações e treino de forma prática diretamente com ele, a menos que estivessem em alguma de suas montagens e projetos. Hoje em dia, apenas seus atores ministram *workshops*, treinam ou dirigem artistas que não são do Odin Teatret.

Deste encontro em 2008, surgiu um desafio singular: organizar um treinamento de quatro dias, em regime de imersão, sob níveis de excelência, para atores e diretores de todo Brasil e América Latina com experiência comprovada, mas que possuíssem perguntas, interesses, necessidades e anseios em relação ao legado pedagógico, estético e filosófico do Odin Teatret, um espaço onde poderiam não somente receber treinamento e apuro técnico, mas trabalhar com seus próprios materiais sob a orientação e a direção de Eugenio Barba.

Além da ARTE SECRETA DO ATOR, a parceria do Odin Teatret com a TAO Filmes e a Cia. YinsPiração rendeu convites a mim como diretora que, entre outros eventos, trabalhei como assistente de Barba na última montagem do Odin Teatret, “Claro Enigma”, e na performance “*Alexander’s Secret*”, em comemoração a 50º aniversário do grupo, em 2014, na Dinamarca. Ao lado da minha atriz, Juliana Zancanaro. Trabalhei como atriz na performance “*Ur-Hamlet*”, em Wroclaw, na Polônia, em 2009. Em 2015 voltei com meu ator Filipe Lima, para filmar o processo de criação de “*A Árvore*”, eu e Juliana traduzimos o livro “*Pedras D’água*”, da atriz Julia Varley. Atualmente, Julia Varley me dirige em meu novo solo.

Outra parceria, o *Solos Fértéis* – Festival Internacional de Mulheres no Teatro, e ligado ao *Magdalena Project*, rede internacional de mulheres no teatro contemporâneo. Em fase de captação e pós-produção, estão o documentário para TV “*A Arte Secreta do Ator*” e o filme “*The Magdalena Project – Vozes e Silêncios das Mulheres no Teatro*”, ambos uma coprodução TAO Filmes, NOVA Filmes e Odin Teatret.

5. Algum caso peculiar/interessante chamou sua atenção nesses dez anos de Arte

Secreta?

O que sempre me deixa bastante entusiasmada, é a busca e foco dos artistas que voltam a cada ano, as conexões de trabalho que se formam. Mas acho que o que mais me chama atenção mesmo é viver esse privilégio de passar quatro dias imersos numa estrutura onde podemos pensar e recomeçar de novo pisando nos pés de décadas de sobrevivência teatral, em total generosidade e trocar e se experimentar com jovens artistas. Mesmo que sejam mestres em seus teatros e tradições nesse espaço todos, de alguma forma, estão recomeçando, inclusive Barba.

Ao longo destes dez anos, esse investimento em uma residência de excelência dramática junto ao diretor do Odin Teatret possibilitou também que atores, diretores e acadêmicos de diferentes tradições e estéticas reciclassem e atualizassem fundamentos, escritos, metodologias, técnicas, estratégias e reflexões sobre a Antropologia Teatral pelo ponto de vista do seu criador. Fomentando o surgimento de novas obras, parcerias, eventos multiculturais e obras pedagógicas como disse.

Nas edições anteriores, além de criarem materiais e serem dirigidos em uma montagem poética construída por Barba, os participantes puderam acompanhar o nascimento e as etapas de desenvolvimento de um novo espetáculo do diretor com a atriz Julia Varley, "Ave Maria", último solo da atriz, que abriu a quinta edição do projeto em 2012. Em 2014, o Odin Teatret comemorou cinquenta anos de existência e resistência teatral. A ARTE SECRETA DO ATOR discutiu os segredos e desafios da longevidade dos grupos teatrais e a relação ator-diretor: a construção do diálogo, metodologias e os embates e florescimentos desta relação. Todos os participantes vivenciaram o encontro de Eugenio Barba e Julia Varley com Miguel Rubio e Teresa Ralli, do grupo Yuyachkani (Peru) que em 2014 fez 44 anos de vida teatral. Eles demonstraram "A Arte do Embate: a experiência que floresce entre ator e diretor" e os princípios que constituem a tradição da *ISTA – International School of Theatre Anthropology*. Em 2015, recebemos atores, diretores e professores de vários países, interessados neste trabalho direto com o mestre. Na ocasião também houve demonstração da obra "Irmão Morto" com a atriz Julia Varley e o lançamento do filme-documentário "O País Onde as Árvores Voam", de Davide Barletti & Jacopo Quadri, sobre Eugenio Barba, o impacto de sua obra e os 50 anos do Odin.

Em 2008, Barba trabalhou com atores e performers sobre a obra de Ibsen, "Casa de Bonecas"

Em 2009, propôs o conto *"Suddenly in the depths of the forest"* (De repente, nas profundezas do bosque), de Amos OZ. Em 2010, passou a utilizar material oferecido pelos participantes sob o tema "A Flor das idades," com sugestão de poesias do persa Omar Khayyam. Em 2011, o tema do treinamento foi "Histórias de amor".

Porém, o salto foi dado na edição de 2012, quando os materiais previamente desenvolvidos sob o tema "Uma mulher (ou um homem) sorridente, carregando um fardo sobre seus ombros, navega até o abismo" foram dirigidos por Barba em uma montagem envolvendo todos. Desde então, esse formato se instaurou e tornou a vivência e a prática oferecidas no projeto ainda mais intensas e inéditas. Em 2013, dando ainda mais força a este modelo, Barba dirigiu os materiais propostos e apurados, durante a imersão, numa montagem dramática que teve como tema "Arquitetura do Ocaso" e, em 2014, o tema da montagem final que dirigiu a partir do material dos selecionados foi: "Quem pagará o enterro e as flores se eu me morrer de amores?" Em 2015, "E das bocas unidas fez-se a espuma. E do momento imóvel fez-se o drama" foi o tema dos materiais individuais desenvolvidos, com o qual Eugenio Barba trabalhou, apurou e dirigiu.

Ao longo da realização da ARTE SECRETA DO ATOR, nestes dez anos, muitos são os frutos, projetos, teses, escritos, espetáculos, festivais, intercâmbios, seminários e solos teatrais no Brasil e América Latina que germinaram do solo fértil dessa residência exclusiva junto ao Odin Teatret.

O projeto pretende também que artistas brasileiros e de demais países, interessados em solos ou dramaturgia autoral de grupo, possam reencontrar o diretor para desenvolver e/ou mostrar o andamento de suas criações, dramaturgias, conceitos e ideias e obter novo treinamento, provocação, orientação e perspectiva crítica. E que diretores de grupos possam acompanhar em tempo real Eugenio Barba criando, assim como os que vêm juntos com seus atores, podem vê-los trabalhando e sendo dirigidos por ele e obtendo novas estratégias de dramaturgia, apuro, estímulo, contraste e suporte.

6. Como você vê a prática de teatro de grupo no Brasil a partir da sua experiência relacionada com a ideia de terceiro teatro de Eugenio Barba?

Conhecer o Odin, não somente o seu teatro mas sua forma de conduzir suas tradições e proteger seu legado me ofereceu um brutal contraste de realidades dentro do teatro. Todos os grupos que tive a oportunidade de encontrar de tamanha relevância, impacto, e com foco na preservação do seu capital de experiência, seu patrimônio cultural, e mantendo ainda que

em parte o mesmo núcleo de membros originas, obviamente encontravam em sua grande maioria uma ajuda, um subsídio financeiro mínimo ou logístico similar.

Necessidades similares, cumplicidades estéticas, certa paz ou até orgulho de estarem à margem dos circuitos comerciais do Teatro e TV, são algumas das características que encontrei em muitos dos grupos que vigoram. Ainda que muitos de seus integrantes tenham a escolha, inclusive de estar dentro de estruturas comerciais, não estão. Seja pelo que constitui as raízes do seu ofício, pelo que se chama de liberdade de discurso, ou pela visão e possibilidade de imersão profunda em uma ideia, escolhem não interagir com a estrutura comercial do teatro vigente em seus países e cidades. Porém, para tanto, observo que todos em sua grande maioria têm uma grande atuação na comunidade, atuação por vezes ainda maior e mais legítima do que obras que recebem apoio para oferecer como contrapartidas sociais.

Eugenio nos alerta para efemeridade desse ofício: é contra natureza do teatro a existência demorada de um mesmo núcleo e se desfazer é uma perspectiva a ser considerada amplamente ao longo da história da existência de um grupo, levando inclusive ao desaparecimento de muitos grupos.

Uma das coisas que observo quando viajo pela América Latina é que em muitos países que não existe subsídio qualquer governamental ou privado para manutenção ou apoio ao teatro. É com gana que os grupos existentes fazem teatro. O teatro está ali como uma necessidade, é a forma como lidam com o atrito da vida, da justiça e principalmente é a forma de ter um pedaço da beleza para seus dias!

Não há tempo para crises: ser ou não ator. Em muitos desses países, me parece que uma crise assim, uma dúvida assim, pode ser fatal, me parece que é necessária muita determinação. Não podem perder tempo convencendo a si mesmos, enfrentando a família, ou pensando no conforto de outros ofícios mais rentáveis. O que parece estar em questão é um modo de vida, uma estratégia para atuar na história, para encontrar maior sentido em tudo e não ser aniquilado em sua existência.

Em contrapartida muitas vezes observo no meu próprio país a dificuldade de foco dos artistas para se manterem no ofício do teatro. É raro ver o teatro se tornar uma necessidade vital, mas

quando ele ganha *status* de prioridade na vida desses artistas e grupos, vemos nascer uma certa imunidade diante da implacável lei da efemeridade.

Odin Teatret, Teatro la Candelaria (Colombia), Varasanta (Colombia), Contraelviento (Equador), Yuyachikani (Peru) são grupos com que tenho convivido e trocado nesses anos e são como anomalias por sua longevidade, alguns com mais de um século de vida, sem dúvida isso deve e pode nos inspirar, mas devemos sempre olhar de perto o touro que driblam em suas mentes e vidas todos os dias, para manterem-se de pé e ricamente artísticos frente às intempéries.

Alguns destes grupos têm subsídios, outros apoio, talvez parcial; outros não têm nada. A realidade para muitos é seus integrantes ganharem a vida com outros trabalhos e pagarem pelo trabalho que querem fazer!

7. Fale sobre a relação de mestre e discípulo no teatro - você como discípula e como mestre - se possível comparando com sua experiência com o Tai Chi Chuan.

Há uma frase emblemática de Eugenio que diz que “a maior tragédia que pode acontecer a um ator é nunca encontrar o seu diretor”. Obviamente não está falando apenas de uma pessoa que nos comanda e que nos diz como devemos nos comportar no palco ou mesmo de um amigo e parceiro no teatro. Fala de um tipo de empate e vínculo, que faz com que a partir do olhar de outro, um outro se desenvolva, ultrapassando seus limites, fazendo desse não apenas um hábil gerente de suas capacidades, saberes e engajamento psicoespiritual, ético ou político, mas o encorajando a questionar as mais frágeis das suas estruturas e capacidades de sobreviver e oferecer através do teatro uma singular e autoral contribuição à vida.

Eu conheço os dois lados, a discípula eternamente em busca de um mestre, necessitada desse encontro que transforma uma pessoa em um país, e a diretora pedagoga, que enxerga a fome, ouve o pedido de socorro e compreende o potencial latente no jovem artista, e vive uma jornada de forja a seu lado que é quase como as histórias do Zen de mestres e discípulos.

Nas histórias do Zen, tudo está relacionado com um desfazer do ego na prática do autoco-nhecimento para encontrar a iluminação. No teatro, o ego é bom para o começo, pois sobre esse ego, sobre esse saber limitado e narciso, terão que ser aplicadas as técnicas para que a compaixão, o ofício, um mover-se para além da própria estrutura, se sobressaia...

Neste viés, Eugenio diz que “perder um ator é como perder um braço”, e isso aconteceu sazonalmente em seu grupo que mantém grande parte do seus integrantes originais. Para mim é muito duro perder um ator depois de alguns anos de dedicação e justo quando finalmente esse ator está mais pronto, não só para melhores trabalhos mas para trocas mais profundas. Porém fomos advertidos da natureza efêmera do teatro.

Até hoje lembro e piso nos pés do meu mestre, Antunes Filho. Acho que em tudo que eu faço existe a sua presença e ensinamentos. Foi por causa dele que encontrei meu mestre Liu Pai Lin, um verdadeiro mestre Zen ou melhor taoista. Com Liu Pai Lin a atriz foi resgatada, e ao encontrar-me com o silêncio e a presença, pude encontrar os princípios que meus mestres no teatro haviam me ensinado, e que me corpo ainda não havia conhecido, era o início de um tradição tácita, que me faria dialogar com diversas práticas da antropologia teatral, o par de opostos, a energia, a dilatação, o três...

O que acontece no Brasil... o que acontece em todo mundo, é que muitas vezes grupos não existem por conta própria como grupo, com uma estrutura de encontro ou lugar de diálogo ou lugar de interação, necessidades em comum, questionamento ou ambições, valores e estéticas. Muitos surgem já com data de validade e existem em torno de um projeto e muitas vezes quando se finda o projeto, se finda o grupo ou desestabilizam-se suas motivações.

Quando vemos a sobrevivência de um grupo, com o passar dos anos encontramos uma estrutura onde as pessoas se encontram como grupo, convivem como grupo e os projetos são consequências da necessidade de estar juntos e não o motivo pelo qual estão juntos, ainda que isso possa ter acontecido no início do agrupamento. Cabe salientar que quase sempre a pedagogia está muito presente em grupos que se mantêm por muito tempo. Odin Teatret e demais grupos desta natureza me inspiram a criar esse ambiente com o qual me identifico, eu simplesmente me identifico, não estou dizendo que é certo ou melhor. Eu tenho conseguido manter um certo núcleo fixo de atores, ainda que com o passar dos anos muitos cheguem e muitos partam. Mas assim como eles partem e levam um pouco do atrito do encontro que tiveram e às vezes deixam saudade, o tempo que ficam também nutre parte desse grupo fixo, eles que vêm dando sentido à toda investigação e motivação de encontrar e interagir com a cultura de grupos relevantes. Completamos dezessete anos de grupo este ano e vinte e três de produção pedagógica e cultural!

Breve histórico da residência A ARTE SECRETA DO ATOR

Em dezembro de 2008, foi realizada a primeira edição do *workshop* A ARTE SECRETA DO ATOR – BRASIL (título em português do Dicionário de Antropologia Teatral, escrito pelo diretor e por Nicola Savarese, que influenciou a pedagogia da diretora candanga e de muitos outros diretores e grupos em toda parte do mundo). O evento contou com a participação de um grupo seletivo de atores, diretores e professores de todo o Brasil que vieram a Brasília visando reciclagem, aprimoramento e aproximação diferenciada com as técnicas do Odin Teatret.

Na edição inaugural em 2008, bem como nas edições que se seguiram de 2009 a 2013, Eugenio Barba e Julia Varley conduziram o treinamento COMO PENSAR ATRAVÉS DE AÇÕES, durante quatro dias em uma chácara nos arredores de Brasília. Um local preparado para encontros e práticas desta natureza e fechado para o trabalho nessa época do ano, buscando recriar o ambiente de treino, criação e convívio do Odin Teatret na Dinamarca, acrescidos da magia, do calor e da língua portuguesa.

Nas aberturas de cada edição, a atriz Julia Varley apresentou demonstrações de trabalho: “Eco do Silêncio” (2008), “Tapete Voador” (2009), “Matando o Tempo – 17 minutos na vida de Mr. Peanut” (2010), “Irmão Morto” (2011); e a estreia nacional do espetáculo “Ave Maria” (2012). Em 2013, Barba regeu “O Diálogo das Técnicas – O Ator-Dançarino”, demonstração com Julia Varley, o dançarino Giovane Aguiar e a dupla de atores e brincantes, Alício Amaral e Juliana Pardo, da Cia Mundo Rodá. Em 2014, celebrando os 50 anos do Odin Teatret, o tema foi: “A Arte do Embate: a experiência que floresce entre ator e diretor” e os princípios que constituem a tradição da ISTA – *International School of Theatre Anthropology*. Os convidados especiais, Miguel Rubio e Teresa Ralli, do grupo Yuyachkani (Peru), permaneceram ao longo de todo o treinamento. Foram verdadeiras incursões pelos recursos do corpo, da voz, do texto e da dramaturgia autoral no teatro contemporâneo.

As demonstrações e apresentações sempre foram seguidas de debates promovidos pelo diretor, com participação da plateia composta de intelectuais, jornalistas, artistas e estudantes de Artes Cênicas e convidados do cenário teatral nacional e latino-americano.

Em 2009, A ARTE SECRETA DO ATOR lançou a nova edição em português do livro “A Canoa de Papel – Tratado de Antropologia Teatral”, com tradução de Patrícia Alves, pelas editoras Teatro

Caleidoscópio e Editora Dulcina. O Teatro Caleidoscópio, do diretor teatral André Amaro, foi parceiro da residência artística desde o seu início. Na abertura da edição de 2010, foram lançados dois livros de Eugenio Barba: “Queimar a Casa”, pela editora Perspectiva, e “Teatro: Solidão, Ofício, Revolta” pelo Teatro Caleidoscópio e Editora Dulcina, ambos com tradução de Patrícia Furtado de Mendonça. Ainda em 2010, a atriz Julia Varley lançou seu livro “Pedras D’água – Bloco de Notas de uma atriz do Odin Teatret”, traduzido pela atriz Juliana Zancanaro e pela diretora Luciana Martuchelli.

Em 2011, após a performance “Irmão Morto”, houve um encontro que estava agendado desde 2008: Eugenio Barba e o diretor brasileiro Aderbal Freire-Filho debateram sobre suas referências, mestres e futuras metas. Em 2012, o público brasileiro pôde assistir ao filme “A Conquista da Diferença” (Erik E. Christoffersen/Odin Teatret Film) e à palestra “Tecer relações – O Ator de um Teatro Laboratório”, com Eugenio Barba, que pode falar também do lançamento da nova edição em português do seu livro “A Arte Secreta do Ator – Um dicionário de antropologia teatral” em parceria com Nicola Savarese lançado pela Editora É Realizações com tradução de Patrícia Furtado de Mendonça.

De 2008 a 2016, o treinamento contou com a presença de atores e encenadores de Alagoas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Amazonas e São Paulo; e de países como Alemanha, Argentina, Chile, Colômbia, Espanha, Uruguai, França, Itália, Portugal, Cuba, Venezuela, Malásia, México e Peru.